
A FÉ E O DINHEIRO: UMA ETNOGRAFIA DO BATUQUE NO CAPITALISMO BRASILEIRO

FAITH AND MONEY: AN ETHNOGRAPHY OF BATUQUE IN BRAZILIAN CAPITALISM

FE Y DINERO: UNA ETNOGRAFÍA DE BATUQUE EN EL CAPITALISMO BRASILEÑO

Carlos Alberto Kalinovski Hoffmann ¹

Resumo

O objetivo deste artigo é apresentar uma etnografia vivencial acerca da relação mercantil da fé com o fiel. A partir de uma revisão de literatura acerca de constructos ligados à religiosidade de matriz africana, ao afrocentricidade, Batuque, capitalismo, mercado e dinheiro, são delineados conceitos importantes para a intersecção com a experiência de campo relacionada na cidade de Porto Alegre – RS - Brasil. A importância desses temas se dá pelo diálogo teórico-prático-sensorial realizado com base nesta realidade trazida pela transversalidade temática da fé e do dinheiro no âmbito do Batuque. Ao final, há uma avaliação crítica do tema, além das palavras finais, trazendo reflexões e sugerindo novas proposições de pesquisa.

Palavras-Chave: Fé; Capitalismo; Religiões de matriz africana; Afrocentricidade; Batuque.

Abstract

The purpose of this article is to present an experiential ethnography on the commercial relationship of faith with the faithful. From a literature review about constructs linked to religiosity of African origin, Afrocentricity, Batuque, capitalism, market and money are outlined important concepts to the intersection with the related field experience in the city of Porto Alegre - RS - Brazil. The importance of these themes is given by the theoretical-practical-sensory dialogue carried out based on this reality brought about by the thematic transversality of faith and money in the scope of Batuque. Finally, there is a subject of critical evaluation and final words bringing reflections and proposals suggesting new research.

Keywords: Faith; Capitalism; Religions of African origin; Afrocentricity; Batuque.

¹ Especialista lato sensu em Educação Musical pela UNIFAVENI, em História e Cultura Afro-brasileira pela Universidade Cândido Mendes (UCAM), em Gestão de Projetos Sociais e Política e Sociedade pelo Centro Universitário Barão de Mauá e em Gestão Pública Municipal pela Universidade Federal de Santa Maria, dentre outros. Também Professor de Ensino Profissionalizante (UNISC), Administrador e Analista de Sistemas (PUCRS). Administrador concursado na Prefeitura Municipal de Porto Alegre (PMPA). Contato: professor@carloshoffmann.com.br.

Resumen

El propósito de este artículo es presentar una etnografía vivencial sobre la relación mercantil de la fe con los fieles. A partir de una revisión de la literatura sobre constructos relacionados con la religiosidad africana, afrocentrismo, Batuque, capitalismo, mercado y dinero, se perfilan conceptos importantes para la intersección con la experiencia de campo relacionada, en la ciudad de Porto Alegre - RS - Brasil. La importancia de estos temas viene dada por el diálogo teórico-práctico-sensorial que se lleva a cabo a partir de esta realidad provocada por la transversalidad temática de la fe y el dinero en el ámbito de Batuque. Al final, se realiza una evaluación crítica del tema y palabras finales, aportando reflexiones y sugiriendo nuevas propuestas de investigación.

Palabras clave: Fe; Capitalismo; Religiones de base africana; Afrocentricidad; Batuque.

INTRODUÇÃO

Há grandes estudos antropológicos e etnográficos sobre as religiões de matriz africana com foco em diversos aspectos, desde a sua organização ritualística, sua “magia” ou suas formas de culto, dentre outros (BEM, 2007; CORRÊA, 1992; CORRÊA, 1994; ORO, 2002; PRANDI, 2001; SILVA, 1994; SILVEIRA, 2020; SODRÉ, 1988; TADVALD, 2007). Entretanto, menos se traz acerca das relações de trocas materiais, dinheiro e mercado com a fé e seus portadores, sobretudo pela linha não econômica (BAPTISTA, 2006). Por fim, em complemento, este artigo adiciona de forma inicial a vertente do Batuque na linha de discussão temática. Desta forma, mais do que responder questões postas, serão alicerçados pontos para debate a partir da teoria acadêmica e da prática da observação *in loco*.

O tema aqui colocado compreende o entendimento da forma teórico-etnográfica em relação às religiões de matriz africana, em especial o Batuque do Rio Grande do Sul, com o dinheiro (capital) dentro do contexto mercadológico (capitalismo). Nesse sentido, é interessante entender o contexto da fé em relação ao que pode ser “adquirido” para essa e por essa, dialogando com conceitos ocidentais, afro-diaspóricos e afrocentrados, bem como na prática, em Terreiros de religião.

Para a consecução deste trabalho, foram buscados materiais a partir da pesquisa teórica por temas de interesse e palavras-chave, com o intuito de subsidiar a seção conceitual deste artigo, bem como foi realizada pesquisa-ação, através de observação-participante, durante o último ano, em espaços religiosos africanistas.

Ainda, enquanto experiência etnográfica, sendo de um caráter “vivencial”, a “colocar sempre em primeiro plano a dimensão vivencial das experiências sociais analisadas” (RIFIOTIS, 2010, p. 7) e contemplar as dimensões subjetivas e vivenciais, conforme Malinowski (1998). Importante destacar que essa vivência é de “desde dentro”, com o olhar de um vivenciador e não apenas pesquisador exógeno, trazendo uma visão mais completa e sem viés da realidade.

Esta pesquisa foi realizada em uma comunidade de terreiro localizada na Zona Sul de Porto Alegre, guiada por um Pai-de-Santo de 37 anos, “pronto” desde os 13, vivenciador a partir dos 10 e filho de Oxalá Jobokum da Nação Oyó (Batuque afro-gaúcho). Esta “casa de santo” é pequena, familiar e sem templo “aberto a comunidade”, sendo que apenas convidados ou indicados frequentam esse espaço. Também, é importante destacar que este ilê é localizado na casa alugada de sua tia, onde, por um tempo, o sacerdote vivia.

Ainda, é essencial destacar o papel do pesquisador neste contexto. Batizado na Igreja Católica, além de espírita kardecista, o autor é filho-de-santo (“pronto”) desta autoridade civilizatória de matriz africana, tendo um olhar interno (desde dentro) de tudo o que acontece e é pesquisado, fazendo o exercício (difícil) de criar o devido distanciamento para o seu próprio olhar. Ainda, conforme Assis (p. 35, 2017), fui também um “pesquisador-insider”, oriundo de uma lógica híbrida de ação, combinando pertencimento e observação, onde “ao participar de um ritual, eu também o pesquisava e ao pesquisar, eu também participava”. Também, sendo estudioso das culturas e religiões afro-brasileiras, trago uma visão plural ao contexto estudado, a partir de referências diversas construídas nos movimentos populares, afrocentrados e acadêmicos.

Assim como a abordagem técnica, além da busca de referências teóricas para este trabalho, observações-participantes do campo de estudo se realizaram em diversos momentos no já citado Terreiro, também, nas visitas do sacerdote em minha própria residência, bem como na rememoração de situações vividas ao longo dos últimos anos. Esta seleção de textos e conceitos foi feita a partir de palavras-chaves em ferramentas de busca e da seleção de literatura específica dos temas pelo pesquisador, bem como, os dados empíricos foram coletados a partir da experiência de campo, das relações construídas ao longo do tempo e das respectivas

representações individuais e sociais erigidas. Ainda, foram realizadas entrevistas abertas com foco complementar.

Para alcançar o objetivo de buscar responder ou debater essas questões a partir de pesquisa empírica-antropológica de campo e da revisão de literatura, separou-se o artigo em partes que trazem à tona a tradição de matriz africana, o Batuque rio-grandense, a afrocentricidade, o capitalismo, o dinheiro e as relações de trocas, o mercado e a fé e as experiências de campo sobre o consumidor como usuário da fé e o fornecimento de bens e serviços para a realização de cerimônias e axés. Ao fim, encerra-se com as questões finais e novas proposições de pesquisa.

Em resumo, além dessa introdução, o artigo se desenvolve em duas partes, somado ainda com as considerações finais, a saber: parte um, uma breve introdução teórica, dividida em dois subitens, nomeada de “Epistemologia do Axé: conceitos e fundamentos sobre a Matriz Africana”; parte dois, a experiência de campo dividida em ato um (“o consumidor como usuário da fé”) e final (“o “setor de compras e suprimento” e o mercado fornecedor”).

EPISTEMOLOGIA DO AXÉ: CONCEITOS E FUNDAMENTOS SOBRE A MATRIZ AFRICANA, O BATUQUE E A AFROCENTRICIDADE

Dizemos que as Tradições de Matriz Africana são “as manifestações civilizatórias africanas que foram transpostas às Américas durante o período do tráfico transatlântico de cativos para o trabalho compulsório” (SILVEIRA, 2014, p. 77). Silveira (2014) ainda complementa que essas tradições foram transformadas na diáspora por meio de hibridizações, supressões e acréscimos de diversos elementos. Alves (2012, p. 16) diz que o paradigma civilizatório negro-africano é constituído por:

[...] um sistema de valores, crenças e ideias que constrói um modo específico de observar, agir e compreender o cosmos em suas dimensões visível e invisível, e que estabelece uma ética e uma estética para o viver coletivo, fazendo com que seus limites não coincidam com a dimensão geográfica do Continente Africano.

Dessa forma, a partir do que traz Hampâté Bâ (1982), Lopes (2005), Santos (1986) e Melo (2007), é importante compreender que as tradições de matriz africana não são unicamente religião, mas sim todo um complexo sistema de valores, culturas,

axiomas e axiologias que continuamente inventa e reinventa a civilização originária na diáspora.

A afrocentricidade é um conceito importante no contexto negro-africano. De acordo com Santos (2021), este modo de enxergar o mundo é emancipador, não sendo reprodutor do racismo das epistemologias eurocêntricas. Conforme Asante (APUD NASCIMENTO, 1998), o afrocentrismo não é contrário ao dinamismo cultural e ao interculturalismo, entretanto é uma resistência ao etnocentrismo ocidental e à hegemonia branca. Asante (1998, p. XII), portanto, conceitua afrocentrismo como um “modelo de agência intercultural em que existe o pluralismo sem hierarquia e concede-se livremente o respeito às origens, realizações e potenciais”.

Na prática, as religiões africanas são de cunho iniciático, vinculadas à natureza e de matriz ancestral. As religiões de origem africana são baseadas nas forças sobrenaturais presentes na natureza, sendo que essas se materializariam através de experiências religiosas e possessões. Silveira (2013) coloca que, para os lorubá, Deus age através dos Orixás, ou seja, indiretamente. Sendo assim, os Orixás são as expressões máximas dessa relação materializadas sob forma in natura ou sob a forma humana através do transe dos iniciados (MELO, 2007).

Lembremos que os cultos prestados aos orisa dirigem-se, em princípio, as forças da natureza. Na verdade, a definição de orisa é mais complexa. É verdade que ele representa uma força da natureza, mas isso não se dá sob sua força desmedida e descontrolada. Ele é apenas parte dessa natureza, sensata, disciplinada, fixa, controlável, que forma uma cadeia nas relações dos homens com o desconhecido (VERGER, 1999, p. 37).

Assim, é também importante o conceito de afroteologia, de Silveira (2013), que diz:

A afro-teologia [...] é a teologia própria das religiões de matriz africana. Parte de princípios próprios da visão de mundo ancestral africana, que lhe confere uma relação singular entre o significante e o significado; lhe emprega sentidos próprios seguindo a lógica cultural das observações desse povo sobre o mundo visível e o invisível.

Com a diáspora, segundo Prandi (1995-1996), no Brasil se constituíram, com diferentes ritos e nomes, religiões afro-matriciais, tais como o Candomblé, o Candomblé de Caboclo e de Egum na Bahia, o Xangô em Pernambuco e Alagoas, o

Tambor de Mina no Maranhão e Pará, o Batuque no Rio Grande do Sul, a Macumba no Rio de Janeiro, o Catimbó e a Jurema no Nordeste e a Umbanda em todo o país.

O Batuque, objeto deste estudo, expressa a porção mais africana das religiões afro-gaúchas, como nomina Oro (2008), já que é baseada na liturgia Iorubá. Os símbolos utilizados são os da tradição africana, as entidades reverenciadas são os orixás e há uma relação com as “nações” africanas (origem em povos africanos da Costa da Guiné e da Nigéria), tais como a Jeje, Ijexá, Oyó, Nagô e Cabinda (CORREA, 1994) e as chamadas “mistas” como Jeje-Ijexá, Jeje-Nagô, Nagô-Ijexá etc. (XANGÔ SOL, 2015).

Esta cultura religiosa nasceu a partir da diáspora africana no Rio Grande do Sul aproximadamente no século XIX (CORREA, 1994; ORO, 2008) e tem suas características “invariantes” (ALVES, 2012), já que “o culto do Batuque é praticamente homogêneo em todas as casas, predominando a cultura Ijexá que cultua doze orixás (Bará, Ogum, Oyá, Xangô, Odé e Otin, Ossanha, Obá, Xapanã, Oxun, Yemanjá e Oxalá), além dos Ibejis” (XANGÔ SOL, 2015).

Também é importante, a fim de entender as religiões afro-matriciais, a noção de territorialidade. Neste sentido, como define Sales Júnior (2011, p. 106), ao agregar o importante conceito da ancestralidade e da identidade ao território, que:

A identidade “negro-africana” articula as diversas identidades sociais, políticas ou religiosas do campo afro-brasileiro. A ancestralidade, como relação entre “negritude/africanidade”, converte-se em lugar de uma tensão inerradicável, conformando as demandas das comunidades religiosas afro-brasileiras como religiões “territoriais” em sua luta pelo uso do espaço urbano. O “retorno à África” é um modo de territorialização diaspórica do espaço urbano, influenciando a organização política dos grupos religiosos, a formulação de suas demandas sociais e a implantação das políticas públicas.

Segundo Leite (1995-1996, p. 110), “o princípio histórico estabelecido pelos ancestrais é elemento objetivador das regras mais decisivas que regem a estrutura e a dinâmica dessas sociedades”. Historicamente, verifica-se o processo de (re)significação espacial na organização dos Terreiros de candomblé (como introdutor das religiões afrodiáspóricas) no Brasil, alavancados a partir de um microcosmo Iorubá constituído sob a organização das tradições africanas na diáspora (MELO, 2007), objetivando garantir a sobrevivência de seu culto e de suas tradições. A partir da

conceituação, o item a seguir contextualiza e traz à tona o debate acerca do capitalismo e da religião de matriz Africana no âmbito da diáspora.

CAPITALISMO E A RELIGIÃO: O DINHEIRO, O MERCADO E A MERCANTILIZAÇÃO DA FÉ

Dentro desse contexto, o capitalismo, como sistema econômico, o mercado, como seu agente corporificado e a fé, como instrumento do *self* (indivíduo) e de coesão social se relacionam e reforçam mutuamente, dentro da cosmovisão ocidental. Como um lastro teórico importante, o teórico conservador católico Rodney Stark (2006, p. 215-216), dentro de um contexto racional, define economia religiosa como a

[...] constituída de todas as atividades religiosas que se desenvolvem em qualquer sociedade. As economias religiosas são como economias comerciais, no sentido de que consistem em um mercado de consumidores potenciais e concorrentes, em um conjunto de *firmas religiosas* que procuram servir aquele mercado em 'linhas de produtos' oferecidas pelas diversas firmas.

Referente ao mercado, é relevante conceituar e entender como a dinâmica das relações interorganizacionais e com "clientes" se processa. Prandi (2004), ao fazer um rápido histórico a partir do início do século XX, afirma que as religiões de origem africana se transformaram de religiões de resistência cultural e preservação do patrimônio étnico da diáspora negra para religiões universais, onde o aumento da presença branca favorecia o desprendimento das amarras étnicas, raciais, geográficas e de classes sociais e, a partir disso, a assunção da mercantilização religiosa ao haver a competição com outras religiões na disputa por devotos, espaço e legitimidade. Em um contraponto a esse debate trazido por Prandi (2004), há que se perguntar se realmente as religiões afro-brasileiras deixaram de ser espaços de resistência cultural e de preservação do patrimônio étnico da diáspora negra, pois a negação e intolerância vivenciadas por essas religiões ainda hoje as coloca numa linha de ação pautada na resistência política e cultural, mesmo que de forma não "militante", relativizando o quesito raça/cor como predominantemente negro entre os seus "filhos-de-santo".

Ainda, dentro da ótica do mercado, há a importante figura do cliente, sendo esse um foco de estudos, seja do ponto de vista do mercado capitalista ou do sistema de trocas e subsistência. Segundo Prandi (1995-1996, p. 78):

Consequência de sua própria concepção de moralidade e prática de manipulação mágica, as religiões negras foram se responsabilizando pelo atendimento a uma grande demanda por serviços mágico-religiosos de uma larga clientela que não necessariamente toma parte em qualquer aspecto das atividades do culto. No candomblé, os clientes procuram a mãe ou pai-de-santo para o oráculo do jogo de búzios², através do qual problemas são desvendados e oferendas³ são prescritas para sua solução. O cliente paga pelo jogo de búzios e pelo sacrifício propiciatório (ebó⁴) eventualmente recomendado. O cliente, em geral, fica sabendo qual é o orixá dono de sua cabeça e pode mesmo comparecer às festas em que se faz a celebração de seu orixá, podendo colaborar com algum dinheiro no preparo das festividades, embora não se comprometa com a religião. O cliente sabe quase nada sobre o processo iniciático e nunca toma parte nele. Entretanto, ele tem uma dupla importância: antes de mais nada, sua demanda por serviços ajuda a legitimar o terreiro e o grupo religioso em termos sociais. É da clientela que provém, na maioria dos terreiros, uma substancial parte dos fundos necessários para as despesas com as atividades sacrificiais. Comumente, sacerdotes e sacerdotisas do candomblé que adquirem alto grau de prestígio na sociedade inclusive gostam de nomear, entre seus clientes, figuras importantes dos mais diversos segmentos da sociedade.

Segundo Baptista (2007), a clientela religiosa, tipo de relação sem vínculo formal que tem por base a demanda por serviços religiosos do Terreiro, é “cativada” a partir da eficácia mágica do trabalho do pai-de-santo, abrindo oportunidade para o aumento da credibilidade e do poder com base no aumento ou na fidelização dos clientes. “Tal percepção, entretanto, abre espaço para as acusações de comércio com artigos de fé, ou de poluição do espaço sagrado da religião, um tema controverso recorrente em diversas tradições religiosas”, complementa Baptista (2007, p. 11). Sob o prisma da noção de troca e de contratos pretensamente voluntários, trazida por Marcel Mauss (2003), Baptista (2007, p. 8) reconhece que:

² “Sistema divinatório adotado pelas religiões afro-brasileiras, baseado no oráculo de Ifá, divindade responsável pela adivinhação, em que 16 signos são recombinaados através do lançamento de conchas (cauris), fornecendo as diversas possibilidades abertas pelo destino do consulente” (BAPTISTA, 2007, p. 33).

³ “Diferencia-se do ebó e do despacho pelo seu caráter de restituição diante de uma graça recebida, ou de manutenção do vínculo espiritual entre o fiel e suas entidades” (BAPTISTA, 2007, p. 34).

⁴ Termo usado para designar de modo genérico quaisquer oferendas aos deuses. Pode se referir, também, a despacho ou feitiço ou, ainda, aos rituais de cura ou limpeza espiritual (BAPTISTA, 2007, p. 34).

[...] na vida social, interesse e desinteresse, dons e mercadorias circulam indistintamente pelas mesmas relações. Logo, o que os deuses vendem aos homens e o que os homens trocam entre si não pertencem a universos separados e distintos. Os objetos, as gentilezas, os presentes que transitam por tais relações, pelo contrário, são sempre híbridos, caminham por domínios que se intercomunicam permanentemente e que formam uma unidade. Quando alguém demanda um jogo de búzios, faz um ebó, um despacho⁵ ou uma oferenda aos orixás, não está entrando em uma dimensão isolada ou purificada da vida real. Pelo contrário, essas relações ocorrem em espaços nos quais as coisas se encontram imbricadas de tal maneira que é possível perguntar se é justo o preço pago por um serviço religioso ou um oráculo. Ao mesmo tempo, torna-se uma situação embaraçosa para uma jovem perguntar ao seu amigo, pai-de-santo, quanto ele cobra por um jogo. Ou ainda, quando alguém paga por um jogo de búzios, o dinheiro não ser entregue nas mãos do adivinho, mas colocado sobre a mesa de jogo. Essas situações revelam que no universo do candomblé a presença do dinheiro é um elemento constitutivo das relações. No entanto, ao lado dessa naturalização há também a tensão e o constrangimento decorrentes da ideia de poluição do espaço sagrado da religião pelo domínio interessado do dinheiro. Há de fato uma ambiguidade derivada da ideia de que diversas dimensões existenciais são radicalmente separadas, baseada na crença na existência de esferas de valor relativamente autônomas, como o trabalho, a família, a religião ou a economia.

Quanto ao que chamo de mercantilização da fé, segundo Prandi (2004), a partir da década de 1940, houve uma aproximação das afro-religiões no chamado mercado religioso, havendo competição por devotos, espaço e legitimidade. Nesse contexto, com base no pensamento religioso na diáspora, as religiões de matriz-africana oferecem, como agências de serviços mágicos, ao cliente (não-devoto) a chance de resolver um problema, sem maiores envolvimento com a religião (devotamento). Essas religiões, complementa Prandi (2004), passaram a atender através da popularização do jogo de búzios e ebós (no Candomblé, por exemplo) em concorrência com a consulta a Caboclos e Pretos-Velhos (na Umbanda). Neste arcabouço, Prandi (1996) traz a noção da flexibilização da conversão religiosa frente ao consumo religioso, sendo esse muito mais fácil para os “fiéis-consumidores”, a saber (p. 67):

Desde que a religião perdeu para o conhecimento laico-científico a prerrogativa de explicar e justificar a vida, nos seus mais variados aspectos, ela passou a interessar apenas em razão de seu alcance individual. Como a sociedade e a nação não precisam dela para nada essencial ao seu funcionamento, e a ela recorrem apenas festivamente, a religião foi passando

⁵ “Oferenda propiciatória feita a Exu, com a finalidade de enviá-lo como mensageiro aos orixás, solicitando sua boa vontade para a realização de um trabalho religioso, ou para evitar sua presença perturbadora” (BAPTISTA, 2007, p. 34).

pouco a pouco para o território do indivíduo. E deste para o do consumo, onde se vê agora obrigada a seguir as regras do mercado.

Ainda, Baptista (2006, p. 18) traz sobre a visão do dinheiro sob outras óticas, ao afirmar que:

O dinheiro então pode ser uma janela por onde é possível observar as relações entre as pessoas, porque através dele será possível divisar o universo relacional do candomblé, compreender a idéia de família de santo e as formas de cooperação que são utilizadas para colocar em funcionamento a infra-estrutura material dos terreiros.

Por fim, enquanto uma linha conceitual passível de se seguir no que se refere à Administração, ao Mercado e à relação de consumo, Hoffmann (2015) pioneiramente conceitua sobre a Administração Afrocentrada (ou Afroadministração) como sendo “o processo de organização, ação e reflexão para o trabalho coletivo em benefício do alcance de objetivos específicos, utilizando-se dos recursos cabíveis e com uma visão holística, humana, sustentável e comunitária”. Tal eixo conceitual é relevante dado que baliza questões atinentes a Administração, inclusive de Terreiro, contemplando as dinâmicas de troca e capital aplicadas à gestão.

Portanto, não há como não considerar, a partir dessa rápida passagem teórica presente nesta seção, a centralidade e importância do mercado religioso das religiões afro-matriciais, renovando a necessidade de se conhecer e vivenciar esse meio, tal como se explicita no item a seguir.

EXPERIÊNCIA DE CAMPO: O CONSUMIDOR COMO USUÁRIO DA FÉ

A relação de consumo é, a meu ver, uma relação entre o ego e a razão - egoística, porque não dizer -, e nesse tipo de relacionamento é que se funda o consumidor e o seu objeto de desejo. Nesse contexto, a fé não pode estar de fora do “querer objetificado”. Tantas angústias, demandas e vontades que florescem não a partir de vitrines em shoppings, mas sim do próprio espelho da consciência e da reflexão imaterial que busca algo que da matéria não pode advir, porém, que ela mesma pode fazer surgir. É o material criando o imaterial.

Como não compreender este fenômeno como importante e significativo se em toda a humanidade há ocorrências de ofertas, dízimos, homenagens, esculturas, templos e outras formas de adquirir “uma passagem para o céu”, uma vida mais “cheia

de graça”, uma família “mais amorosa”, dificuldades ultrapassadas, bênçãos materiais e matrimoniais, previsões, dentre outros? Faz parte da existência humana essa relação de troca em busca de benefícios “neste mundo”, sem esperá-los “no mundo etéreo, no mundo divino”. Desde as mais remotas civilizações são encontrados indícios desse vínculo, então não há por que ele não existir na milenar cosmovisão de matriz africana.

Como conceito inicial importante, lembro da vez em que, ao perguntar sobre se poderia fazer algum “trabalho” gratuito, a exemplo dos feitos pela doutrina espírita, ouvi do sacerdote que não havia axé sem o seu pagamento. Ele citou que há muita energia dispendida e que a tudo isso deveria ter uma contrapartida, uma forma de “demonstrar o axé” de volta, um retorno. O Pai-de-Santo colocou, ainda, que se não há pagamento pelo que se faz, o sacerdote perderia força vital, perderia o axé, na medida em que isso também seria uma forma de desvalia aos Orixás, aos “Pais”.

Neste momento, lembro nitidamente do meu estranhamento, principalmente em relação aos meus valores pessoais, talvez ainda kardecistas (oriundo de KARDEC, 2004), onde vertem a sentença de que “fora da caridade não há salvação”, ou, ainda, afrocentrados, imantados da filosofia Ubuntu que fala, em resumo, que “todos somos um só”. Não me senti confortável com o que me foi falado, causando um “vazio intelecto-sentimental” dentro de mim àquele momento. Refleti que não achava adequado aquele valor por conta do que hoje chamo, racionalmente, de mercantilização da fé e da noção de que a “troca” deve ser em energia, em “elemento”, em base imaterial e não em capital, vil metal ou material.

Quando muito, pensei, que deve ser cobrado ou doado na medida das possibilidades do consulente ou cliente, inclusive como forma de ressignificar de forma afrocentrada e não capitalista a noção de troca entre indivíduos, principalmente no que se refere ao que é do “fluído vital”. De qualquer forma, o que está posto aqui é a noção de troca de axé por capital financeiro, tida como válida por aquele sacerdote de Oyó e, pela minha experiência, pela maioria dos Pais-de-Santo do Batuque, ainda iludidos pelo ocidentalismo e, possivelmente, intoxicados pelo colonialismo que grassa dentro de cada um desde tempos coloniais.

Cito, ainda, uma passagem vivenciada onde o jogo de búzios é centro da troca da “adivinhação” mediante recompensa em dinheiro. O oráculo divinatório é essencial

para o entendimento da religiosidade africana por ser o meio de comunicação direta com os Orixás e a forma pela qual eles “respondem” sobre tudo o que se refere ao *Àiyé*. Nesse sentido, sempre que tive que me servir da consulta a *Ifá* despendi recursos financeiros para tal, independentemente de ocorrer real disponibilidade para isso naquele momento. A título exemplificativo, houve consultas para saber sobre a vida pessoal e profissional, sobre qual tipo e forma de “trabalho” deveria ser feito para resolver determinada situação, sobre quando e como deveria ser o “aprontamento espiritual”, esse também visto como necessário nos búzios etc. De igual modo, havia uma espécie de “garantia”, já que em ocasiões em que isso era necessário havia uma “reconsulta” para ver, por exemplo, se o “trabalho” profetizado havia dado certo, dentre outros.

Para ilustrar o momento da consulta no *ilé*, descrevo-a como sendo em uma sala exclusiva para tal feito, com uma mesa coberta por uma toalha branca e duas cadeiras, uma de cada lado, como que em um consultório médico. Antes de começar, o sacerdote buscou dispor à mesa, em um formato circular, as guias coloridas feitas de fios-de-contas, sendo que cada conjunto de cores representa um Orixá. Aqui, me foi dado um pedaço de papel branco (5 cm quadrados, aproximadamente) e uma caneta azul para que eu colocasse meu nome completo e data de nascimento, devendo após inserir o papel preenchido abaixo das guias. Também, foi dito para colocar o valor correspondente à consulta abaixo de uma das imagens ali dispostas. Importante ressaltar aqui esse detalhe, face que o dinheiro não foi entregue diretamente ao Sacerdote de Matriz Africana e nem recolhido por esse até o término da “consulta adivinhatória”.

Seguindo, neste momento, foi questionado o que me trazia ali ou se havia algo, em específico, a perguntar. A partir de minha resposta, o Babalorixá buscou colocar em suas mãos os oito búzios (pequenas conchinhas do mar normalmente cônicas, distinguidas em sua “leitura” pela sua abertura em macho e fêmea), realizou uma “reza” para cada Falange espiritual, inclusive com seus nomes específicos (por exemplo, Bará Lodê, Lanã, Adagbe, Agelú, Elegbará, etc), para então largá-las dentro do círculo de guias já posicionadas. Sendo assim, a partir da “caída” (posição) de cada concha dentro do círculo é que a questão anteriormente anunciada é respondida. Após um conjunto de “jogadas”, o que me trouxe aquele local foi respondido e

devidamente orientado pelos Orixás. A consulta, que levou em torno de uma hora e trinta minutos, foi concluída. A toalha se fechou sobre os búzios e guias e o ritual se encerrou.

Por fim, cito os “trabalhos” como uma forma de troca mediante dinheiro. Seja essa ação religiosa feita para o fim de obter saúde frente a uma doença, para se defender de algum mal emanado por outrem ou, ainda, a fim de “abrir os caminhos” do demandante, logo, sempre há uma remuneração ao Pai-de-Santo, bem como a compra dos insumos necessários para a feitura do que for orientado pelos Orixás. Do ponto de vista do cliente, o trabalho é pedido para que algum problema seu seja resolvido, sendo estes de diversas ordens. Por outro lado, pelo sacerdote, esta é a forma de “capitalizar o seu axé”, trazendo recursos financeiros para a sua subsistência ou remuneração pelos “serviços prestados”, auxiliando na manutenção material da casa de religião ou sua própria.

Como um primeiro exemplo, cito o “trabalho” realizado para “evitar mal maior” aos meus olhos, que são fisicamente fracos, míopes e, o esquerdo, com baixa visão. Nessa linha, o trabalho “visto” a partir do oráculo serviria para fortalecer meus olhos, tornando-os mais aptos e evitando que outros problemas viessem a ocorrer, tal como um processo de “descolamento de retina” ou uma cegueira total. Sendo assim, mediante um trabalho com o uso de ervas e outros elementos, dispostos em meus olhos e encerrados com um pano afixado como uma venda, ao final, realizou-se o Axé necessário para este tratamento de saúde pela ótima afrocentrada.

Como outro exemplo, ocorreu uma situação em que indiquei os “serviços” do Pai-de-Santo a um familiar que precisava urgentemente de auxílio para a sua saúde, tendo ele adquirido, “de repente”, uma alergia ou micose em sua pele. Após jogo de búzios, o sacerdote viu o que estava acontecendo, sendo esse um problema de ordem espiritual ou imaterial. A partir do “diagnóstico”, foram encomendadas um conjunto de plantas e materiais para serem passados para o meu familiar, além de se realizar um axé (trabalho feito em quarto-de-santo e posteriormente “despachado” na natureza) pelo sacerdote para bloquear os malefícios detectados. Feito o pagamento por parte da cliente, o trabalho foi executado tal como descrito pelos Guias, levando auxílio imediato para a demandante. Passado algum tempo (1 mês), a mesma micose começou a voltar e o Babalorixá, a partir do pedido da cliente e em uma espécie de

“garantia”, realizou nova intervenção complementar, voltando a debelar aquela “maldição” já tratada anteriormente.

Como “bastidor” e reflexão posterior, abordo a noção da confiança do que é dito e feito pelo Sacerdote ao consulente, cliente ou filho-de-santo. Nesse contexto, houve minha absoluta crença e confiança no que foi dito, seja para a realização do trabalho nos olhos, seja para os devidos “aprontamentos”, consagrando o meu ser aos respectivos Orixás. Nesta questão, nada impede que o Babalorixá se utilize da confiança para realizar procedimentos ou ações contrárias a “expectativa do cliente” com o uso da má-fé, seja para a obtenção de “maiores lucros e dividendos” ou para a produção de negatividades ou danos, especialmente quando o recebedor do Axé (ou o contrário dele) está frágil, necessitando de apoio espiritual.

Trago aqui tecituras de pensamentos acerca da relação entre o dinheiro e o “serviço prestado”. Ora, se um serviço foi prestado, justo é que seja pago. Mas e se o serviço é de cunho religioso-magístico, como fica a questão aqui afirmada? Ainda, não estou construindo uma ideação a partir de pressupostos civilizatórios eurocêntricos? Ou quem sabe entendo como base pressupostos afrocentrados? De que forma se pode avaliar os atos de “troca de axé”, “energia de troca” ou o simples pagamento por serviço religioso se conecta a afro-teologia, sobretudo a exercida no Batuque do Rio Grande do Sul? E essa relação de consumo relatada, de fato, é existente? Muitas questões, em pensamento, foram levantadas por mim, sem ainda, no entanto, serem completamente respondidas peremptoriamente, quiçá sequer possam ser um dia. Entretanto, o levantamento de tais pontos de debate, que ocorreram e ocorrem durante toda a vivência religiosa no Terreiro, fazem com que a temática aqui estabelecida revigore ainda mais o seu valor.

Sendo assim, sob a ótica pessoal trazida nesta etnografia, não há como não visualizar uma relação de consumo nos fatos (comuns) vivenciados e descritos, tendo em vista da existência da figura do cliente, do prestador de serviços e de um mercado que os regula e dá base. A fé, em outras palavras, é exercida a partir de uma relação de troca, personificada através do capital e devolvida através de um produto ou serviço específico. O produto da fé reforça a fé no produto.

EXPERIÊNCIA DE CAMPO: O “SETOR DE COMPRAS E SUPRIMENTO” E O MERCADO FORNECEDOR

O comércio é quase tão antigo quanto a humanidade e talvez tão remoto quanto a civilização. Para cada ação em que algo precisa ser feito materialmente, deve-se buscar os insumos necessários para isso de alguma forma. Alguns os produzem em seu quintal, outros os trocam e, por fim, muitos os compram. Desta forma, é neste processo de aquisição de produtos religiosos que pretendo aqui descrever uma parte de meu histórico.

Para qualquer ato religioso, “trabalho” ou axé é necessário um conjunto de itens para a sua realização, de ordem fito-natural (plantas, chás, folhas, extratos, etc), animal (caramujo – *ebi* em iorubá, pombos, galinha, galo, cabrito, ovelha, etc) ou manufaturada (vasilhas, charutos, velas, incensos, utensílios, etc). De forma geral, esses itens são adquiridos em casas especializadas em produtos religiosos, ou também chamados de floras, em mercados ou, ainda, em casas destinadas a compra de animais vivos, ou aviários. Em Porto Alegre, estado do Rio Grande do Sul, há inúmeras casas ou locais fornecedores desses itens, distribuídos em todos os locais da cidade, sobremaneira no Centro Histórico ou nas Periferias.

Um desses locais tradicionais é o chamado Mercado Público. Esse espaço tradicional de compras no Centro da cidade é simbólico para a cultura afro-religiosa local. Nele, em seu centro, há um assentamento em homenagem ao Orixá Bará, visualmente identificado por um mosaico circular. Também, sempre à esquerda de quem entra no local por cada uma de suas quatro entradas, há uma flora, especializada em artigos afro-religiosos. Além de ter atrelado a este Mercado uma série de ritualísticas e ações religiosas advindas do “povo-de-santo”, tais como o “passeio” e a oferta ao próprio Bará lá existente, o “Bará do Mercado⁶”.

Nessa linha, trago a atmosfera de uma flora localizada perto do Mercado Público, atacado e varejo de produtos religiosos, conhecida pelos afro-religiosos da cidade. Como em outras floras, essa tem imagens grandes de santos e “pretos-velhos” em sua entrada, além de atabaques, tambores, “axés” com balas de mel e sal-grosso com semente de girassol. A seguir, um balcão de atendimento, como aqueles das antigas “farmácias”, com seus atendentes e diversos produtos dispostos acima e em sua frente. À esquerda e a direita se postam diversas prateleiras com itens gerais,

⁶ Para saber mais sobre o Bará do Mercado, ver Oro, Anjos e Cunha (2007).

tais como cerâmicas, imagens, chapéus, incensos, cajados e uma infinidade de outros itens religiosos. Atrás dos atendentes, diversas prateleiras de aço com muitos produtos à venda, como sabonetes, ervas, guias, búzios, moedas, ferramentas, produtos naturais, alimentos usados em oferendas, dentre outros. O cheiro é o de armazém. Ao olhar, muitos produtos, cores e formas. Ao espírito, a infinidade de possibilidades de culto e trabalho aos Orixás e Olodumaré (Deus). O atendimento é pessoal. Cada produto tem seu preço, como em qualquer bazar ou mercado da cidade. Não há diferenças por serem produtos de “religião”. Quando necessário, alguns dos atendentes, informam aos clientes sobre como usar determinados produtos ou então o que a lista dada pelo Pai-de-Santo quer dizer. Quando muito, perguntam: - O que queres fazer? E aí se abre a possibilidade de uma “consultoria mercado-religiosa” instantânea, complementando aquilo que fora visto nos búzios ou dito na fala do sacerdote. E, por fim, com toda esta atmosfera africana, qual a minha surpresa em descobrir que o dono de tudo aquilo era católico apostólico romano, daqueles de ir à missa toda a semana? Realmente, a noção do capital e do negócio fala sempre mais alto neste mundo ocidental.

Outra vivência importante de se trazer é a do aviário e o que envolve esta dinâmica bio-mítica-material. Escolher o animal a ser sacralizado (e não, por favor, sacrificado) é uma tarefa essencial. É ali que começa o axé. É nesse momento que a “feitura de santo” se principia. Torna-se, portanto, relevante vislumbrar o animal como portador de axé, de fluído vital, e, desta maneira, olhar pessoalmente o animal e ter com ele “afinidade” pode ser um detalhe significativo para aquilo que ele for ser utilizado e, por fim, ingerido. Apenas a título de observação, ressalto que os animais comprados e sacralizados servem de alimento para os filhos e filhas-de-santo em obrigação, bem como para ofertar aos visitantes nas festas religiosas realizadas, em sua maior parte, e para “ofertar” aos Orixás, naquilo que não há aproveitamento humano, em sua menor parte.

Relato aqui a experiência de um aviário na Zona Sul da cidade, perto do bairro Vila Nova. Em espaço diminuto, na entrada há um balcão em “L”, com ovos de galinha e cartões de visita expostos e o comerciante diante desse. À direita do balcão, há uma entrada para onde ficam os animais, dispostos em grandes gaiolas ou espaços apropriados. Atmosfera de interior, de campo, mesmo encravado às margens da

Avenida Cavalhada, movimentada artéria de mobilidade urbana da cidade de Porto Alegre. Cheiros diversos, tais como de serragem, de galinheiro, de natureza em sua essência e crueza. Ao observar os galos e pombos que se deveria comprar para realizar o ritual religioso, precisava-se descobrir qual deles melhor serviriam para o meu intento. Observei plumagem, peso, vigor físico, mas o que talvez realmente definisse seria a energia que aquele animal me passava, o *Prāna*, o Axé. Não há outra maneira de “sentir” o animal do que aguçando os sentidos extra-físicos, se conectando com aquele ente natural, olhando-o com ternura e amor e entendendo que tudo é sagrado, uno. Então, uma vez escolhidos os animais para a atividade sacra, a partir desse olhar distinto, aqueles foram acondicionados em jornais antigos amarrados com barbante, de modo a evitar com que eles fugissem, se machucassem e se movimentassem durante o transporte. Nada com dor, apenas imobilizante. Tendo chegado a hora do pagamento, nada mais ocidental do que pagá-los em parcelas (sim, crise econômica “batendo na porta”), no cartão de crédito de bandeira internacional e pedir um desconto, dado em dúzia de ovos pelo dono do estabelecimento. Realmente é interessante que na diáspora a ancestralidade “vai de Visa”.

Ainda, em questionamentos pessoais, revisitei conceitos de trabalho cooperativo e de troca, me indagando o motivo da produção de plantas e animais não ser realizada pelas Comunidades de Terreiro, em especial do Terreiro pesquisado. Também há o questionamento sobre o porque não havia o trabalho artesanal de confecção das guias e das roupas rituais, evitando custos maiores e se aliar a “dinâmica do capital” no “mercado do Axé”. Finalmente, não menos importante, indaguei-me sobre o quanto estes estímulos capitalistas modificam o campo teológico-ancestrático das religiões de matriz-africana, construindo uma nova dinâmica entre o sagrado, o mercado da fé e seus artefatos simbólicos e míticos. Nessa linha, mais do que respostas, restam questões a serem debatidas, levantadas por meio das vivências relatadas e das provocações intelectuais por mim realizadas.

Estes relevantes momentos da compra estão inseridos sobremaneira na ótica capitalista, da ideia de suprimento da ciência administrativa e da noção de fornecedor para o cliente. Há aqui uma diferença primordial quanto à cultura ancestral, que traz a noção de comunidade, troca e manufatura e criação própria dos itens a serem

utilizados. Neste ponto, a África não veio, a diáspora não se construiu e a manutenção dessa forma de ver e lidar com o mundo real se subverteu.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A reunião dos conceitos e vivências aqui exarados para tratar da fé e o dinheiro em relação as religiões de matriz-africana trouxe alguns pontos para debate e reflexão, dentro do âmbito teórico, também, prático-vivencial. Entendo que este fenômeno da fé vinculado com o mercado, no âmbito afro-religioso, é originário da cultura ocidental europeia, desvirtuando as afro-religiões na diáspora.

No remoto passado, oferendas eram feitas em folha de bananeira ou mamoneira abaixo do Baobá, hoje, com bandejas de plástico ou papelão nas encruzilhadas formadas pelas ruas asfaltadas das cidades. Dessa forma, as floras e todo o contexto econômico-fornecedor e de clientela são reflexo da sociedade e cultura hegemônica colonial, pois atualmente a troca e o escambo (de axé e de produtos) não são mais utilizadas, mesmo que sejam preceitos “do fundamento” afrocentrado.

A partir do que Prandi (1996) disse que todo o pai-de-santo é um empreendedor e que os Terreiros vivem em disputa “mercadológica” entre si, fica sugerido um trabalho mais profundo sobre o mercado religioso de matriz africana e o dinheiro, dentro da ótica ocidental e afrocentrada. Também, fica como ideia para pesquisa posterior a proposição de bases epistemológicas, filosóficas, administrativas e teológicas para o desenvolvimento de um mercado fornecedor afrocentrado, haja vista os árabes e o fornecimento de frango em relação ao seu Deus Alá, que respeite os animais e vegetais, sacralizando-os da forma devida e tendo o adequado cuidado com o axé.

Este artigo tem diversas limitações, dentre as quais a de ele ser uma etnografia baseada em um campo específico, sem a exploração de diversos outros locais possíveis de serem vistos. De qualquer forma, o intuito do que foi aqui trazido é de vertente qualitativa, exploratória e única, caracterizada pelas vivências e pelos imponderáveis da vida real (MALINOWSKI, 1998) e, por conta disso, especial e singular. Espera-se, portanto, ter avançado no trabalho de campo antropológico,

trazendo uma visão particular desta realidade colhida e vivida e “fechando o laço” teórico-prático desta visão de mundo ilustrada neste artigo.

REFERÊNCIAS

ÁVILA, Cíntia Aguiar de. Congregação em Defesa das Religiões Afro-brasileiras: resgate da etnicidade e reafricanização nos cultos afro-gaúchos. **Debates do NER**. Porto Alegre, ano 9, nº 13, P. 61-75, jan./jun 2008.

ALVES, Míriam Cristiane. **Desde dentro**: processos de produção de saúde em uma comunidade tradicional de terreiro de matriz africana. Tese de Doutorado em Psicologia Social. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS, 2012.

ASANTE, Molefi Kete. **The Afrocentric idea**: Revised and expanded edition. Philadelphia, PA: Temple University Press, 1998.

ASSIS, Glauber Loures de. **A Religião of the Floresta**: Apontamentos sociológicos em direção a uma genealogia do Santo Daime e seu processo de diáspora. Tese de Doutorado em Sociologia. Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, 2017.

BAPTISTA, José Renato de Carvalho. **Os Deuses Vendem Quando Dão**: um estudo sobre os sentidos do dinheiro nas relações de troca no candomblé. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Museu Nacional, UFRJ, 2006.

BAPTISTA, José Renato de Carvalho. Os Deuses Vendem Quando Dão: os sentidos do dinheiro nas relações de troca no candomblé. **MANA**, v. 13, n. 1, p. 7-40, 2007.

BEM, Daniel F. **Caminhos do axé**: a transnacionalização afro-religiosa para os países platinos a partir do terreiro de Mãe Chola de Ogum, de Santana do Livramento – RS. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social – UFRGS, 2007.

CORREA, Norton. **O batuque no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1992.

CORREA, Norton. Panorama das religiões afro-brasileiras do Rio Grande do Sul. In: ORO, Ari Pedro (Org.). **As Religiões Afro-Brasileiras do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1994. p. 9-46.

HAMPÂTÉ BÂ, Amadou. A Tradição Viva. In: KI-ZERBO (Org.). **Metodologia e pré-história da África**, História Geral da África. São Paulo: Ática/UNESCO, v. I, 1982.

HOFFMANN, Carlos Alberto Kalinovski. Administração Afrocentrada: elementos para o debate de um novo modelo de gestão. **Anais do XIV FIA** – Fórum Internacional de

Administração. Rio de Janeiro: Conselho Regional de Administração do Rio de Janeiro, 2015.

KARDEC, Allan. **O Livro dos Espíritos**. Federação Espírita Brasileira, Rio de Janeiro, 2004.

LEITE, Fábio Rubens da Rocha. Valores Civilizatórios em Sociedades Negro-Africanas. **África: Revista do Centro de Estudos Africanos – USP**. São Paulo, v. 18-19, p. 103-118, 1995-1996.

LOPES, Nei. **Kitábu: O livro do saber e do espírito negro-africanos**. Rio de Janeiro: Senac Rio, 2005.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico Ocidental**. Os Pensadores, São Paulo: Abril Cultural, 1998.

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca em sociedades arcaicas. In: **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac e Naify. p. 183-314, 2003.

MELO, Emerson. **Da natureza afro-religiosa: a (re) significação espacial dos terreiros de candomblé em São Paulo**. São Paulo: Monografia apresentada ao Departamento de Geografia da PUC-SP, 2007.

MELO, Emerson. Dos terreiros de candomblé à natureza afro-religiosa. **Último andar**, v. 16, p. 27-36, jun. 2007b.

NASCIMENTO, Elisa Larkin. **O Sortilégio da Cor: identidade, raça e gênero no Brasil**. São Paulo: Selo Negro. 2003.

ORO, Ari Pedro. **As religiões afro-brasileiras do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 1994.

ORO, Ari Pedro. Religiões Afro-Brasileiras do Rio Grande do Sul: passado e presente. In: **Estudos Afro-Asiáticos**, ano 24, n. 2, 2002, p. 345-384.

ORO, Ari Pedro; ANJOS, José Carlos dos; CUNHA, Mateus. **A Tradição do Bará do Mercado**. Porto Alegre: PETROBRAS, 2007.

PRANDI, Reginaldo. As religiões negras do Brasil: para uma sociologia dos cultos afro-brasileiros. **Revista da USP**: São Paulo, v. 28, p. 64-83, 1995-1996.

PRANDI, Reginaldo. Religião Paga, Conversão e Serviço. **Novos Estudos CEBRAP**, nº 45, p. 65-77, jul.1996.

PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos Orixás**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

PRANDI, Reginaldo. O Brasil com axé: Candomblé e umbanda no mercado religioso. **Est. Avanç.**, v. 18, p. 223-238, 2004.

RIFIOTIS, Theóphilos. Antropologia do Ciberespaço: questões teórico-metodológicas sobre pesquisa de campo e modelos de sociabilidade. **Antropologia em Primeira Mão**, n. 51, Florianópolis, Programa de Pós-graduação em Antropologia Social/UFSC, 2002.

SALES JÚNIOR, Ronaldo Laurentino de. O Terreiro e a Cidade: ancestralidade e territorialidade nas políticas de ação afirmativa. **Ariús**, Campina Grande, v. 17, n. 2, p. 106-123, jul./dez. 2011.

SANTOS, Gislene Aparecida dos. **Identidade e Multiculturalismo**: em busca de conceitos que fundamentem políticas para a população afrodescendente. Disponível em: < http://200.144.182.150/neinb/files/identidade_e_multiculturalismo.pdf >. Acesso em: 08 jun. 2021.

SANTOS, Juana Elbein dos. **Os Nagôs e a Morte**: padê, asese e o culto Égun na Bahia. Petrópolis: Vozes, 1986.

SILVA, Vagner Gonçalves da. **Candomblé e Umbanda**: caminhos da devoção brasileira. São Paulo: Ática, 1994.

SILVEIRA, Hendrix Alessandro Anzorena. Afroteologia: elementos epistemológicos para se pensar numa teologia das religiões de matriz africana. In: Deus na sociedade plural: fé, símbolos, narrativas: **anais do congresso da SOTER** / Sociedade de Teologia e Ciências da Religião. Belo Horizonte: PUC-Minas, p. 1133-1143, 2013.

SILVEIRA, Hendrix Alessandro Anzorena. Tradições de matriz africana e saúde: o cuidar nos terreiros. **Identidade!** São Leopoldo, v. 19, n. 2, p. 75-88, jul.-dez. 2014.

SILVEIRA, Hendrix Alessandro Anzorena. **Não Somos Filhos Sem Pais**: história e teologia do batuque do Rio Grande do Sul. Mairiporã: Arole Cultural, 2020.

SODRÉ, Muniz. **O terreiro e a cidade**: a forma social negro-brasileira. Petrópolis: Vozes, 1988.

STARK, Rodney. **O crescimento do cristianismo**: um sociólogo reconsidera a história. São Paulo, Paulinas, 2006. 263 pp.

TADVALD, Marcelo. Direito litúrgico, direito legal: a polêmica em torno do sacrifício ritual de animais nas religiões afro-gaúchas. **Revista Caminhos**, Goiânia, v. 5, n. 1, p. 129-147, jan/jun 2007.

VERGER, Pierre Fatumbi. **Notas sobre o culto aos Orixás e Voduns na Bahia de Todos os Santos, no Brasil, e na Antiga costa dos Escravos, na África**. 2 ed, São Paulo: EDUSP, 2000.

XANGÔ SOL. **Origem da nação Jeje, da africa para o Brasil**. 2012. Disponível em: <<http://xangoexum.blogspot.com.br/2012/12/origem-da-nacao-jeje-da-africa-para-o.html>>. Acesso em: 29 nov. 2015.

* Artigo recebido em 01 de maio de 2021,
aprovado em 07 de junho de 2021.